

ANGOLA



Furriel Miliciano Isidro Pacheco, Batalhão de Caçadores 11

CRÔNICA DE SOLIDARIEDADE E VALENTIA EM TEMPO DE GUERRA, POR UM GRUPO DE TAVIRENSES E UM ALENTEJANO

Angola, Junho de 1974; dois meses passados da revolução de Abril e a guerra colonial — cujo fim era um dos seus desígnios — continuava. Com o crescente conflito entre diferentes facções angolanas, crescia a impossibilidade de uma descolonização tranquila. Neste contexto, os militares portugueses faziam os possíveis por controlar uma situação próxima do caos. No entanto, na generalidade dos aquartelamentos mantinham-se rotinas próprias de um exército em situação de conflito.

No fatídico dia 26, um grupo de militares do Batalhão de Caçadores 11, aquartelado em Cabinda, procedia à destruição de material explosivo obsoleto. Fazia parte desse grupo o Furriel Miliciano Sapador Isidro Pacheco — taviense. Um dos soldados envolvidos na tarefa resolveu recolher uma recordação: retirou de um engenho explosivo, aparentemente inerte, a respectiva cavilha de segurança. Apercebendo-se da iminência da explosão, o Isidro empurrou o soldado para o chão e a seguir deu três passos e atirou-se, tentando safar-se. Foi apanhado no ar pela violência da explosão, ditando-se aí o seu futuro próximo.

Assim: gravemente ferido nas pernas e de abdómen completamente esventrado, foi como o viu entrar no Hospital Militar de Luanda o Cabo Enfermeiro José António Pereira, cujo rosto e olhos de menino já quase não se espantavam com o horror dos corpos despedaçados. Leu o boletim médico e sobressaltou-se:



Cabo Enfermeiro José António Pereira (à esquerda) com camaradas no Hospital Militar de Luanda

— Eh pá, este homem é da minha terra. Preso à vida “por um fio”!

Ao chegar à “chafarica” do Conceição — um cantinho especial criado pelo, também taviense, Manuel Jacinto Conceição, 1º Cabo Escriturário da Formação do Hospital, onde convivia à volta de bons petiscos, bons copos e muita cantoria, um pequeno grupo de amigos — o Pereira comentou:

— Chegou um moço de Tavira que vai morrer.

— Vai morrer? — Questionou alarmado o Conceição. — Vamos lá ver isso.

E assim foram, acompanhados pelos amigos Revez Madeira, Soldado de Engenharia, taviense, e França, Soldado Condutor (de ambulâncias), alentejano — particularmente amigo do Capitão Médico Rivera, oficial muito influente naquele hospital e de serviço nesse dia. Quando tentaram mover influências receberam dos médicos um veredicto pragmático:

— Aqui são todos tratados por igual.

Eles sabiam perfeitamente o significado de tal frase: face aos recursos materiais e humanos de que as equipas médicas dispunham, quando o número de feridos que chegavam era elevado havia que decidir, por vezes, quem seria salvo e quem já não tinha hipóteses. Esses ficavam, como se dizia: no “corredor da morte”. Seria, infelizmente, o caso do Furriel Pacheco.



1º Cabo Escriturário Manuel Jacinto Conceição, pedra fundamental neste xadrez de tavienses, junto à ambulância conduzida pelo alentejano França

Porém, parece que afinal as influências contaram: pouco depois o Furriel taviense estava na sala de operações. A intervenção durou 12 horas — as mesmas em que o Enfermeiro Pereira esteve presente a dar assistência aos médicos, apesar de não ser o seu turno de serviço. Resgatado à morte, o Isidro haveria ainda de permanecer por dois meses nos cuidados intensivos; diariamente vigiado pelo seu “anjo da guarda”: o conterrâneo Pereira. Este, sempre que se apercebia de algo preocupante alertava os médicos, junto dos quais gozava do reconhecimento granjeado pela sua dedicação e competência.

Em Agosto veio a recuperação e consequente ordem de transporte para a metrópole. Havia ainda um problema: todos os militares evacuados para Lisboa deveriam trazer consigo uma farda completa, ainda que viessem de maca e cobertos por um lençol. Obter uma farda foi tarefa muito fácil para o Conceição: pelas suas funções tinha acesso a fardamento. Faltavam apenas as divisas de furriel. Deu-se então início à “operação divisas”.

Ao grupo habitual juntou-se mais um taviense: o conhecidíssimo Teodoro Cavaco (Papo-seco).

19
74

Este andava pela enfermaria desde que por ali apareceu, desesperado por uma consulta médica que lhe garantisse uma baixa capaz de evitar o regresso ao mato. Perante a negação do médico de serviço, talvez por não lhe ver mal que justificasse uma consulta, valeu-lhe o Cabo Enfermeiro Pereira, que por artes inconfessáveis lá lhe arranjou a consulta e a respectiva baixa por qualquer manhoso paludismo. Depois foi uma questão de irem convencendo os médicos a prolongarem-lhe a baixa e manter-se sempre de pijama; não fosse algum graduado vê-lo fardado e ter a perigosa ideia de o fazer regressar ao mato.

ANGOLA



Mapa do Noroeste de Angola e enclave de Cabinda

Planeada a operação, passaram então à acção. Na área de convívio dos militares localizaram a vítima: um descontraído furriel que bebia uns copos com os camaradas tendo colocado o seu casaco sobre as costas de uma cadeira. O grupo executou então a manobra de diversão: um "cordanito" em redor do furriel, alguma conversinha de distracção e, sorrateiramente, pela rectaguarda, passa o soldado Cavaco com o seu canivete bem afiado e, zás: num ápice o incauto furriel foi "despromovido" a soldado e o Furriel Pacheco ganhou umas divisas novas para se apresentar na metrópole com uma farda completa, apesar de não a poder vestir.

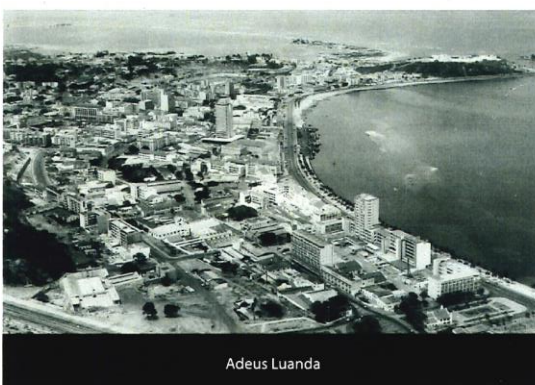
Se esta história ainda não tivesse um título poderíamos plagiar um grande escritor chamando-lhe "Crónica de uma Morte Anunciada", mas acrescentando: "Com Final Feliz".



Parada do Batalhão de Caçadores 11 Gorilas do Maiombe, Cabinda.



À volta do tacho (esq. p/ dta.): visitante da FAP, Maçarico, Conceição, França, Revez e Pereira



Adeus Luanda



HOMENAGEM A GRUPO DE TAVIRENSES EX-COMBATENTES

NA GUERRA COLONIAL (ANGOLA)

